

## UMA HISTÓRIA QUASE IMPOSSÍVEL\*

Alain Corbin

*Denise Bernuzzi de Sant'Anna\*\**

No dia 2 de maio de 1995, um francês do século passado, chamado Louis-François Pinagot, ressuscitou. Até então, seu nome constava apenas nos arquivos de uma obscura região francesa. Mas, às quinze horas daquele dia, um historiador escolheu Pinagot para ser o personagem central de uma história fascinante. Foi apenas o começo de um trabalho paciente, destinado a fazer “reviver alguém que, talvez, não o desejasse”. O historiador é Alain Corbin, famoso por sua originalidade. Mas o personagem escolhido, Pinagot, é totalmente desconhecido. O encontro entre eles resultou num belo livro publicado na França, intitulado *Le monde retrouvé de Louis-François Pinagot. Sur les traces d'un inconnu 1798-1876* (Flammarion, 1998, 352 p.)

Contemporâneo de Victor Hugo e Michelet, Pinagot não passou de um modesto fabricante de tamancos. Nunca tomou a palavra em nome de seus semelhantes. Era analfabeto. Realizar sua biografia é beirar o impossível. Mas Corbin tem outros objetivos. Conhece há quarenta anos os arquivos franceses, especializou-se na pesquisa de existências aparentemente sem história, incluindo “paisagens sonoras” hoje esquecidas. Por isso ele nos convence, sem alarde e sem demora, a substituir o interesse em conhecer Pinagot pela possibilidade de ver, através dos olhos deste modesto trabalhador, seu movimentado mundo. Desde as primeiras páginas, o livro de Corbin revela uma vida rural pouco estável: na região onde viveu Pinagot, o poder dos Bonaparte se con- joga à emergência de novos meios de transporte, as invasões prussianas facilitam a

---

\* Entrevista realizada em Paris, no dia 11 de março de 1999.

\*\* Professora do Departamento de História da PUC-SP.

propagação de epidemias e o sufrágio universal impõe um novo aprendizado político aos homens pobres. O interesse pelos traços de um “homem sem qualidades” não serve, portanto, como justificativa para escapar dos acontecimentos considerados grandiosos, nem de suas violências. Além disso, o autor descreve o cotidiano de festas coletivas, os conflitos entre mestres e empregados e a permanência de mitos sobre a floresta de Bellême, de onde vinha a madeira dos tamancos de Pinagot. Ao longo de dez capítulos, hábitos rurais aparecem cada vez mais misturados a novas exigências urbanas: no século XIX, o tamanco já “designa o fracasso”, “sugere a província”.

Em nenhum momento, a visão dos prosaicos tamancos de Pinagot remete o leitor unicamente para os pés de seu fabricante. Corbin conhece os riscos de postular a um ser do passado uma individualidade que, naquele tempo, pareceria uma insolência. Este historiador, que felizmente não se enquadra nas classificações rápidas e confortáveis, quer historicizar a atonia de existências comuns, não para lhes conceder a palavra, nem para glorificá-las. Resiste à tentação de atribuir a Pinagot algum traço romanesco, revolucionárias qualidades ou curiosos vícios. O passado não lhe suscita compaixão ou condescendência. Micro-história? Diferente dela, Corbin recria seu personagem sem se apoiar sobre uma história do sujeito. E chega a reconhecer que Pinagot é justamente “o centro inacessível, o ponto cego do quadro”.

No final do livro, o autor pede perdão a Pinagot por tê-lo ressuscitado, ainda que de modo evanescente. Talvez Pinagot pudesse perdoá-lo. Principalmente porque Corbin não lutou contra os contornos imprecisos da identidade daquele antigo fabricante de tamancos. Desse modo, evitou magistralmente o anacronismo de conceder a um indivíduo do passado uma visibilidade que responde apenas aos nossos contemporâneos sentidos.

\*\*\*

*O senhor é o autor de uma obra admirável, na qual encontramos as bases de uma antropologia sensorial e de uma história das sensibilidades, internacionalmente considerada bastante original e difícil de classificar. Seus livros tratam da história das maneiras de ver e ouvir em outras épocas, de paisagens do campo e da cidade, de sentimentos de intolerância e mesmo odores hoje esquecidos, sempre revelando novos territórios de pesquisa para o historiador. Na sua opinião, quais são os riscos e os desafios mais comuns em realizar uma história das sensibilidades?*

A. C. – Os desafios são numerosos. O primeiro deles é o de enfrentar a fugacidade dos traços sobre a paisagem sonora e sobre o olfato de outras épocas. É certo que, no trabalho do historiador, seja qual for o objeto de estudo, há constantemente o risco do anacronismo psicológico. Pierre Bordieu disse, recentemente, que o anacronismo psicológico é o grau zero da crítica histórica. Talvez seja assim, mas o fato é que evitar o anacronismo psicológico é algo muito difícil; por isso, diante do desafio de reconstruir uma cultura sensível, diferente da nossa, necessitamos de questões precisas e de estarmos atentos ao vocabulário e ao sentido das palavras... Reconstruir uma cultura sensível diferente da nossa é sempre uma tarefa árdua. Lucien Febvre e Robert Mandrou esboçaram essa perspectiva, mas ela nunca foi bastante aprofundada, devido às dificuldades que representa e talvez porque ela não tenha sido suficientemente valorizada pela pesquisa histórica.

Ao mesmo tempo, é curioso observar que, atualmente, quando assistimos televisão, ouvimos rádio ou lemos uma revista da moda, encontramos uma espécie de fascínio pela trilogia *sentimento-emoção-paixão*. Mas quando chegamos à universidade francesa e buscamos estudos sobre os séculos XIX e XX, ainda não encontramos muita coisa sobre sentimentos, emoções e paixões, exceção feita a trabalhos sobre a Segunda Guerra e a colaboração. Ora, isso já não ocorre com vários estudos históricos sobre a Idade Média ou sobre os séculos XVI e XVII.

*Talvez, em nossos dias, diante do imperativo da emoção-paixão-sentimentos e, ainda, da grande valorização do homem livre, seja ainda mais árduo para o historiador perceber a complexidade de milhares de homens do passado que não eram livres, nem possuíam as mesmas noções de liberdade que hoje existem.*

A. C. – Claro, o que reforça o risco do anacronismo psicológico e me faz pensar que vivemos numa sociedade em que, diferentemente de outras épocas, existem homens que “zapam” pela vida, usufruindo de muitos possíveis.

*O senhor tem trabalhado com questões ainda pouco historicizadas e, nesse sentido, o seu último livro é mais um desafio lançado aos historiadores. Ele trata do mundo de um obscuro fabricante de tamancos que viveu no século passado. De onde vem o interesse em investigar a vida de um homem ordinário, alguém totalmente desconhecido?*

A. C. – Existem três interesses: o primeiro é o de medir a extensão social de uma história possível do sujeito. Sempre me interessei em conhecer os sistemas de apreciação

do mundo (inclusive em relação aos animais e vegetais), os afetos e as emoções de pessoas de outras épocas, os usos dos seus sentidos. Mas os registros sobre as sensibilidades existem principalmente quando se trata da vida dos homens pertencentes às elites, nos seus diários íntimos, cartas, etc. Pois quando se trata do homem comum, ou seja, da maior parte da população do século passado, os registros não são abundantes. Em geral, ao contrário do que se passa em relação à elite, estudamos os pobres em grupos, coletivamente. E se os indivíduos pobres não figuram nos arquivos judiciários e filantrópicos é difícil saber algo sobre suas vidas individuais. O segundo interesse é o de refletir sobre o que importava a uma pessoa comum do século passado: será que a política lhe interessava? O que pensava sobre o tempo e o espaço, e como sentia as transformações de seu mundo? E o terceiro, o mais importante, é o de mergulhar no mundo de um homem desconhecido, não para realizar a sua biografia nem uma história do cotidiano, mas para tentar me colocar no seu lugar, tentar ver e ouvir o que ele via e ouvia. Trata-se de um mergulho em sua vida cotidiana, mas não para estudá-la horizontalmente e sim a partir de um clarão lançado em função e a partir de um indivíduo.

*O escolhido foi Louis-François Pinagot, um fabricante de tamancos. Essa escolha ocorreu por acaso?*

A. C. – Sim, escolhi Pinagot por acaso. Não sabia nada a seu respeito, possuía apenas seu registro de nascimento. Evidentemente eu não gostaria de escolher alguém que tivesse morrido jovem, nem que houvesse cometido algum crime, pois, nesse caso, ele já não seria tão desconhecido.

*Um simples objeto como o tamanco é historicizado com detalhes em seu livro. Parece-me bastante interessante o fato de que sua atenção à cultura sensível de outra época não exclui seu interesse pela cultura material...*

A. C. – Compreender um homem como Pinagot, que passava bastante tempo manipulando diversos objetos, exige uma grande atenção à historicidade desses objetos. Eu utilizei trabalhos de etnólogos que estudaram o tamanco, fui a um pequeno museu de tamancos... ao mesmo tempo, interessei-me em historicizar a paisagem sonora daquele mundo, a sensibilidade táctil de Pinagot e as suas visões da floresta.

*No final do livro o senhor pede perdão a Pinagot por tê-lo ressuscitado. Ora, conhecendo o mundo desse homem, o senhor acredita que Pinagot poderia ficar contrariado se soubesse que seria objeto de uma pesquisa como a sua?*

A. C. – Não sei, mas fico muito espantando com o fato de que este senhor que viveu de modo extremamente humilde e que se parece até mesmo com um personagem de história infantil (Pinagot teve sete filhos e morava ao lado de uma floresta) recebe hoje uma segunda chance de viver uma vida virtual, pois tenho falado em vários países sobre este livro, as traduções em diversas línguas estão programadas, inclusive em japonês. Uma mulher me disse que eu não teria o direito de fazer isso... pois ela não gostaria que daqui há cem anos algum historiador viesse vasculhar a sua vida. Talvez eu não tenha esse direito. Na verdade os heróis, as pessoas públicas e outros, que habitualmente são objeto de biografias, acabam, de algum modo, propiciando tal trabalho de exposição de suas vidas, eles o antecipam e alguns chegam a desejá-lo! Ou seja, eles se colocam, num momento qualquer da vida, como sujeitos de uma história a ser divulgada. Creio que este não era o caso de Pinagot. Muitos como Pinagot nem mesmo sabiam a data em que haviam nascido!

*Mas o senhor não o coloca como sujeito, até porque seria uma espécie de anacronismo fornecer a Pinagot uma individualidade que ele não possuía nem ambicionava ter ou que talvez nem existisse naquele mundo.*

A. C. – Sim, e penso que Pinagot não chegou a se colocar como sujeito. Por isso eu também não lhe conferi esse estatuto.

*Talvez essa noção de sujeito não tivesse a importância que possui hoje, nem estivesse relacionada à necessidade de se destacar como indivíduo. Daí a necessidade de investigar se para os homens do passado a noção de indivíduo era representativa...*

A. C. – Sem dúvida, pois nada prova que no mundo de Pinagot, por exemplo, essa noção fosse representativa. O que não significa, contudo, que entre os homens pobres daquela época não houvessem inúmeras diferenças e modos de vida bastante singulares. Pois quando chegamos no nível individual, percebemos que uma série de classificações gerais e inúmeras regularidades aplicadas a grupos de homens e mulheres pobres, coletivamente, perdem o sentido.

*E nesse mundo de Pinagot a cultura oral era possivelmente importante.*

A. C. – Sim, aliás essa região em que ele viveu eu também vivi, meu pai foi médico no campo e eu o acompanhava freqüentemente e vivia constantemente em meio camponês, ouvindo muitas histórias, o que contribuiu, em grande medida, para o desenvolvimento desta pesquisa sobre Pinagot.

*Em seu livro O território do vazio<sup>1</sup> sua proposta é a de delimitar os contornos do pensável, detectando os mecanismos das novas emoções e a gênese dos desejos e das maneiras de experimentar sofrimentos e prazeres. O senhor estaria de acordo com a historiadora Arlette Farge quando ela diz que seria necessário analisar “os mecanismos de racionalidade que fazem nascer sofrimentos e prazeres”? Ou seja, não se trataria simplesmente de descrever quais são os sofrimentos e prazeres de cada momento histórico...*

A. C. – Conheço bastante Arlette Farge e estou totalmente de acordo com esta frase que você mencionou. Farge assim como Daniel Roche e Roseline Rey se interrogam sobre a validade da afirmação da historicidade da dor e do prazer. Acabo de ler uma tese de cerca de oitocentas páginas, um excelente trabalho, sobre a anestesia na França do século XIX. Este trabalho nos convence de que o homem do século XIX não era construído em relação à dor da mesma maneira que o homem do século XVIII. Nesse domínio, sobretudo pela anestesia, encontramos maneiras bem diferentes de conceber a dor, de resistir a ela, de provocá-la e de acolhê-la. Creio que esta foi uma das grandes modificações históricas do século passado. Desse modo, é possível fazer a história da dor, considerando, principalmente, as maneiras pelas quais ela é acolhida por diferentes homens e mulheres. Ainda no começo do século passado, a cena da cirurgia, por exemplo, tendia a ser repleta de sangue e pontuada por gritos do paciente. Por vezes, cortava-se uma perna em aproximadamente cinqüenta e cinco segundos e com a ajuda de apenas duas pessoas. Ora, essa cena ainda se refere a uma sensibilidade ligada ao suplício, conforme estudou Farge. Mas quando chegamos ao final do século XIX, encontramos uma outra cena cirúrgica. Nela impera o silêncio, outros códigos de contato com o paciente, novas maneiras de resistir à dor e de acolhê-la.

Todavia, no século passado, quando se trata de trabalhar com o prazer as dificuldades aumentam. Pois o prazer, ao contrário da dor, deixou poucos traços. A retórica do prazer foi bastante pobre ao lado da retórica da dor. Na literatura erótica, por exemplo, o prazer deu lugar a pontos de exclamação, de interjeição e a poucas palavras. Além disso, nas universidades, a dor parece ter usufruído de maior nobreza do que o prazer. Antes de Michel Foucault e dos anos 60, era mais freqüente trabalhar sobre o sofrimento causado pelas guerras ou o sofrimento no meio operário e, raramente, sobre

---

1 *Le territoire du vide, l'Occident et le désir du rivage, 1750-1840*. Paris, Aubier, 1988 (tradução no Brasil pela Companhia das Letras).

o prazer. Talvez, por isso, um fenômeno fundamental como o do aparecimento da anestesia não tenha sido muito estudado historicamente.

*Nesse aspecto, os historiadores teriam um longo caminho a trilhar, que não se reduziria, simplesmente, a uma história sobre a dor ou sobre o prazer, descrevendo-os ao longo das épocas e culturas. Seria preciso historicizar suas condições de possibilidade, materiais e espirituais, os modos de sentir, acolher, produzir e conceber prazeres e dores.*

Sim, pois não se trata de realizar apenas uma história *sobre* a dor. Há muito que conhecer das vivências do sentimento de agonia, por exemplo, de alguém que devia ser operado antes do uso da anestesia. Uma agonia que possuía outra duração e contava com hesitações hoje desconhecidas!